

A literatura afroespeculativa brasileira: mapeando escritoras/es negras/os de fantasia, ficção científica e horror no Brasil

Raissa Lauana Antunes da Silva¹

Os espaços de escrita na literatura contemporânea: a literatura realista e especulativa como espaços de não ausências

O olhar para a alteridade vem sendo fonte de inúmeras discussões que atravessam as mais diversas áreas de pesquisa e que atingem diretamente a literatura. A pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012), no primeiro capítulo do livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, discute sobre a literatura como um espaço em que se busca, atualmente, a possibilidade de dizer quem se é enquanto sujeito sem que ocorra um processo de silenciamento de vozes plurais. Esse espaço de contestação gera uma disputa entre sujeitos hegemônicos e subalternizados, a qual não se inicia na literatura, mas que é fruto de uma tensão social pré-existente.

De forma similar, o teórico Luiz Silva Cuty (2010), ao falar sobre a literatura negro-brasileira, aponta-a como um processo de revisitação de elementos culturais incluindo a cultura negra e as vivências de corpos negros no espaço ficcional, os quais ocasionam, ou deveriam ocasionar, modificações de paradigmas “estéticos-ideológicos”, corroborando para a literatura contemporânea com um território de debates e contestações. Com isso, as narrativas literárias produzidas por autores/autoras negros/negras que abordam suas vivências serão responsáveis por denunciar um uso estereotipado, exotizado ou comiserado da imagem do sujeito negro escravizado e seus descendentes, o que está intrínseco na literatura de autores/ass brancos/as desde o Romantismo até o Pós-Modernismo, como o teórico propõe.

É evidente, de acordo com o teórico, que autores/autoras negros/negras caminharam à margem da história literária, excluídos, desqualificados e embranquecidos por esse grande cenário literário há anos. Por isso, hoje, enquanto pesquisadoras/es, temos a função de resgatar histórias já contadas através de livros produzidos de forma autônoma, antologias de contos e ensaios que vêm para de fato construir uma literatura nacional brasileira mais diversificada. Dessa forma, quando averiguamos a produção afroespeculativa² como uma busca por reconhecer escritores/escritoras

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura pela Puc-RS e bolsista Cnpq - Email: raissa.silva95@edu.pucrs.br

² Aqui, ao usar o termo afroespeculativa, refiro-me à literatura de horror, fantasia e ficção científica produzida por escritoras/es negras/os.

negros/negras de literaturas de horror, fantasia e ficção científica, estamos novamente reivindicando um movimento de olhar para a nossa história da literatura, assim como Cuty (2010) propõe, analisando uma gama de produtores/produtoras negros/negras que, por meio de uma forma de literária não tradicional para a academia se propõem a expressar um silenciamento sistêmico, o qual afasta sua literatura do que é comumente lida como literatura nacional, mas que também é rechaçada por não ter pertencer a um gênero literário em que pessoas negras costumeiramente produzem.

Com a literatura afroespeculativa, passamos a questionar se nós, pessoas negras, não poderíamos expressar nossa existência e nossas dores através do irreal, da nossa percepção de futuro, dos nossos medos e dos nossos anseios. Para além da literatura realista-naturalista, a literatura especulativa não seria apta para que autores/autoras negros/negras desenvolvessem outras formas de pensar e desenvolver assuntos tão essenciais? E nós, enquanto pesquisadores, não seríamos responsáveis por registrar essas construções literárias em nossa história da literatura?

No entanto, apesar dessas modificações que a literatura afroespeculativa proporcionou e está proporcionando, as quais teóricas/os e pesquisadoras/es estrangeiras/os vêm gradativamente estudando, é evidente, quando falamos da literatura especulativa brasileira, a baixa produção de livros teóricos e manuais historiográficos que se aprofundem em sua vertente afroespeculativa. A literatura especulativa por si só, ou seja, escrita por autoras/es brancas/os, foi analisada em livros como de Roberto Causo, *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950*, publicado em 2003 após uma longa pesquisa realizada na UFMG, e pela livro *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*, publicado em 2019, pelos autores Bruno Anselmi Matangrano e Enéia Tavares, mas sem a devida ênfase em autoras/es negras/os de ficção científica, horror e fantasia. Ambos os projetos tiveram por objetivo investigar a literatura especulativa, revisitando clássicos da literatura, questionando os limites da literatura do real e do irreal e construindo uma fundamentação introdutória para essa forma de escrita tão desvalorizada e pouco estudada por pesquisadoras/es de teoria da literatura no Brasil³; porém, esses mesmos trabalhos, deixaram uma lacuna racial que pode e deve ser preenchida.

Este trabalho, pensando justamente nessa ausência, busca dialogar com autores/autoras negros/negras que produziram uma literatura especulativa afrofuturista no Brasil ou que a produzem

³ Tanto Matangrano e Tavares (2019) quanto Causo (2003) pontuam em suas obras o desinteresse da literatura tradicional pela literatura especulativa. Segundo Causo (2003), essa forma literária pode ser vista como imatura para alguns teóricos da literatura tradicional, que irão classificar a literatura especulativa como uma literatura de entretenimento ou literatura de massa, sem lhe conferir valor estético literário. Isso ocasiona um afastamento dessa temática da academia, o qual as pesquisas organizadas por eles buscou solucionar.

atualmente. Essa falta de um mapeamento aprofundado, ou de um manual que as/os agrupe enquanto produtoras/es dessa forma de literatura, causa um epistemicídio literário, levando à ideia de que não existem escritores/escriitoras negros/negras de fantasia, horror e ficção no Brasil, quando existem produções que ainda não foram validadas pela academia ou por manuais que reúnem historiograficamente a literatura especulativa brasileira, o que, possivelmente, desencoraja novas/os escritoras/es a produzirem tais histórias, tornando essa literatura nichada, e pesquisadoras/es a investigar essa nova vertente dentro da literatura de ficção científica e dentro da literatura negro-brasileira. Como Roberto Causo (2003, p. 46), em seu livro *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), diz:

Se a *world literature* nos obriga a entender outras culturas contemporâneas como respostas autônomas às solicitações de inserção de grupos sociais humanos em geografias e modos de existência sociais diversos, a literatura especulativa voltada para o século passado (ou séculos passados) nos obriga a reabilitar estágios culturais situados em uma linha de *tempo*, conferindo legitimidade às suas soluções tecnológicas, senão sociais e políticas. A teoria pós-modernista sugere que a subjetividade (como modos particulares de cognição) varia de acordo com culturas que se distribuem num sentido sincrônico (simultâneo à cultura dominante). A ficção científica sugere que a subjetividade varia igualmente num sentido diacrônico (disposto numa linha de tempo), porque culturas se sucedem e modos de vida assumem novas configurações. Essa perspectiva deve se manter na mente do leitor, se o que buscamos é a compreensão dos efeitos do gênero, no plano dos estudos culturais e na relação entre expressões hegemônicas e periféricas; muito além, portanto, dos temas, motivos e convenções específicos da FC, ou da sua mera articulação em torno do discurso científico. (CAUSO, 2003, p. 46)

A partir disso, podemos dizer que pensar a literatura especulativa brasileira também nos exige olhar para o que culturas, identidades e subjetividades marginalizadas estão produzindo. Para isso, precisamos expandir as pesquisas já propostas sobre o movimento de literatura especulativa brasileira e pensar o que foi/está/pode ser produzido enquanto uma literatura afroespeculativa. Quais são os limites dessa forma de literatura para escritoras/es negras/os? Se sabemos que, como Causo (2003) diz, o movimento de especular e de relativizar a realidade é uma tradição que começa no período do Romantismo brasileiro, como podemos desembranquecer nosso olhar sobre essa literatura? Como a literatura negro-brasileira se expande cada vez mais? Não seríamos nós, pessoas negras, capazes de produzir novas nuances para essa forma de literatura, ou estaríamos presos a apenas uma literatura puramente realista e ligada a dor da nossas vivências de escravidão, violência e genocídio? Não poderíamos contar também nossas histórias através de alegorias? De utopias? De distopias? De histórias de horror e fantasia?

Enquanto continuidade de uma investigação sobre as potencialidades de escritas negras, não as limitando apenas a pensamentos estereotipados ou exóticos, busca-se uma expansão do que vem se propondo, uma vez que “a chamada literatura pós-colonial deu voz ao Outro, para que ele se

apresente e desafie tanto o etnocentrismo cultural e literário quanto a própria ordem do mundo “Ocidental”, nos seus próprios termos” (CAUSO, 2003, p. 62). Através de um movimento de revisitação a textos de autoria negra e do reconhecimento de produtores contemporâneos que incorporam o que hoje conhecemos como afroespeculativa, teoria que chega ao Brasil nos últimos anos e rendeu inúmeros livros e contos de autoria ainda não devidamente estudados, este texto busca apresentar um recorte de minha tese de doutorado que está em produção, a qual investiga a marca que essas/es autoras/es construíram e estão construindo, para que sejam vistos enquanto produtoras/es plurais e para que possam construir uma literatura que privilegie suas vozes, suas narrativas. Logo, esta pesquisa trabalha ao lado de livros como os de Adam Roberts (2019), de Roberto Causo (2003), de Bruno Anselmi Matagrano e Enéias Tavares (2019), além de livros que abordam a literatura afrofuturista, vertente voltada à ficção científica de escritoras/es negras/os, norte-americana como o livro *Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture* (2013), da escritora norte-americana Ytasha Womack e de outras/os pesquisadoras/es brasileiras/os que hoje se debruçam para entender a literatura afroespeculativa como um todo, produzida no Brasil. Assim, não esses escritos poderão ser analisados pela teoria da literatura e pela literatura teoria da literatura especulativa, que não se aprofunda na existência de autorias negras, e nem pela construção teórica sobre Afrofuturismo norte-americano que não produziu ou analisou as nuances de escritoras/es afroespeculativas/os brasileiras/os. Isso significará deixar que esse movimento fale por si só. Não deixá-las/os à margem da história que está se construindo.

Este trabalho, portanto, assim como minha tese, dialogam sobre a desmistificação da literatura especulativa como um espaço não ocupado por negras/os e a demarcação desse tipo de literatura escrita por autores/autoras negros/negras como uma literatura afroespeculativa, uma vez que é desconcertante supor que a literatura de autoria negra brasileira trabalhada na academia ou levada para sala de aula, quando essas sequer são trabalhadas, esteja relegada apenas ao formato realista-naturalista, abordando a escravidão, a violência, os assassinatos e outros temas ligados a questões raciais sem que se relativize a imaginação, sem que essas/es escritoras/es pensem além do real. A literatura deve ser subversiva e está sendo cada vez mais questionada por sujeitos não hegemônicos que tensionam o tradicional, apresentando novas propostas de escrita. Pesquisar autores/autoras que proporcionam essa tensão dentro da literatura, da literatura especulativa e da literatura de autoria negra é enxergar uma pluralidade de existência e de imaginação.

Por fim, encerro minha discussão teórica trazendo uma fala de Samuel Delany (1984) e reforçando a dimensão social de escritores/escritoras afroespeculativas, mas com um enfoque para

aqueles que escrevem ficção científica. Delany (1984), em seu texto, *The necessity of tomorrows*, expressa a importância de pessoas negras entenderem o futuro para o qual estarão seguindo. Segundo o autor, situações que nos permitem imaginar o futuro, mas que também reconstróem o passado e o presente, tornam-se um caminho seguro para uma juventude e uma sociedade mais justa. Delany (1984), um escritor afrofuturista, vertente da literatura afroespeculativa de ficção científica, acreditava na literatura afroespeculativa como uma forma de atingir uma juventude que cada vez mais consome essas histórias nos cinemas, nos quadrinhos e nas séries de televisão, mas não apenas de forma mercadológica, como também de forma filosófica. Com o afrofuturismo e com a literatura afroespeculativa como um todo, estamos lidando com o irreal para compreender as metáforas que nos cercam, para relativizar o passado e propor novas construções de futuro. Portanto, construir uma discussão sobre esse fazer literário é pensar a história da literatura especulativa brasileira e da literatura negro-brasileira, através de uma imagem de presente, de passado e de futuro para além do que está posto.

Mapeando escritoras/escritores de literatura afroespeculativa brasileira

Para iniciar esse mapeamento, parto de critérios utilizados por mim em minha dissertação de mestrado *Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em A parábola do semeador, de Octavia Butler* (2022), porém expandindo alguns critérios para a literatura afroespeculativa. Esses não pertencem apenas a mim, mas partem de um movimento dialógico entre outras/os teóricas/os que buscam delimitar o que é esse fazer literário. Reunindo categorias apresentadas por Lisa Ysazek, e tantas outras/os pesquisadoras/es, chego aos seguintes critérios para avaliar uma obra afroespeculativa:

1. Literaturas que fogem do real por meio da ficção científica, do horror e da fantasia
2. Autoria negra
3. Protagonismo negro
4. Criticidade com o hoje e com o racismo experienciado
5. Revisitação do passado para compreensão da própria história
6. Construção de futuridade a partir de um movimento complementar de olhar não apenas para o presente, mas também para o passado, a fim de reestruturar/repensar/reprogramar a sociedade em que vivemos.

A partir dessas noções, conduzi um levantamento de títulos por meio de sites de editoras que se autointitulam afrofuturistas, bem como trabalham com fantasia e outros subgêneros pertencentes à literatura afroespeculativa, e pela divulgação das/os próprias/os escritoras/es. Este trecho de meu trabalho pretende apresentar os resultados que cheguei após um levantamento de dados realizado a partir de 44 escritoras/escritores negras/negros, com um recorte temporal de 1981 a 2023. Apesar de o levantamento quantitativo não ser tão usual na teoria da literatura, ao rever, assim como dito anteriormente, os dados de escritoras/escritores de literatura afroespeculativa, cheguei a uma necessidade de construir um mapeamento dessas/desses escritoras/escritores negras/os. Ele, infelizmente, talvez não contemplará a todas/os/es, pois um mapeamento sempre pode ser atualizado, mas buscará, a partir dos contos e romances encontrados, apresentar uma prévia que será melhor desenvolvida ao longo de minha tese. Para esse grupo de 44 escritoras/es, construí algumas categorias para pensar esses dados.

Primeiramente, após encontrar as/os escritoras/escritores negras/negros de literatura afroespeculativa, levantei o gênero especulativo mais publicado entre elas/es, por entender que a literatura afroespeculativa divide-se entre: ficção científica, horror e fantasia. Entre o gênero mais publicado está a ficção científica, com 43,2%, justamente por uma popularização do afrofuturismo e pela criação de coletâneas que tem por enfoque a ficção científica principalmente; o horror vem logo após, com 29,5%, e fantasia fecha essa primeira categoria com 9,1%. As demais divisões de análise dentro dessa parte da classificação de gêneros afroespeculativos são híbridas, misturando escritores que trabalham com uma fusão entre dois ou mais gêneros de literatura especulativa. Apenas esse breve levantamento nos leva a inúmeras questões: por que a ficção científica circula mais entre as/os escritoras/es negras/os de literatura afroespeculativa? Quais temáticas são frequentemente abordadas nesses textos? Esses são questionamentos que pretendo desenvolver e aprofundar ao longo de minha pesquisa, além de um refinamento da quantidade de textos publicados.

Após essa primeira análise, busquei investigar os gêneros literários publicados, chegando a um número expressivo de contos, com 68,2%, enquanto o romance configura, como já esperado, como uma produção de menor expressividade, com 13,8%, o que pode se relacionar à dificuldade de produção de romances para escritoras/escritores negras/os no mercado editorial brasileiro. A ocorrência de antologias afrofuturistas pela editora Kitembo, entre outras editoras, foi/é responsável pela grande expressividade de contos afrofuturistas. Entre essas antologias podemos destacar a *Antologia Afrofuturismo: o futuro é nosso* (2020) e a *Antologia Afrofuturismo: o futuro é nosso vol. 2*

(2021), as quais revelaram inúmeras/os escritoras/es e incentivaram a escrita de contos de escritoras/escritores negras/os. Para os romances, dou destaque para a escritora Aline França, com o livro de utopia negra *A mulher de Aleduma* (1981), Sandra Menezes, com o livro *O céu entre dois mundos* (2021) e Lu Ain-Zaila, com a trilogia *Brasil 2408* (2023). Cito também Henrique André, com *Albará: o sonho* (2020), de fantasia, e Ale dos Santos, também escritor de fantasia, com *O último ancestral* (2021) .

Quanto à distribuição regional dos livros publicados, observa-se, a partir desses dados, uma predominância de escritores nascidos no sudeste do Brasil. Considerando que São Paulo frequentemente é dita como o grande centro de publicações literárias, esse resultado, de 33,3% dos escritoras/es dessa região, não é estranho. Há também uma grande quantidade de escritoras/es em que tais informações não foram possíveis de ser identificadas em primeiro momento, o que mostra uma necessidade de refinamento dos dados. O objetivo futuro da pesquisa é aprimorar as buscas e os resultados encontrados, a fim de compreender com mais certeza as diferenças regionais e, possivelmente, pensar o que diferencia a literatura produzida em cada região. Deixo aqui a escritora porto-alegrense Juliane Vicente, que, com o conto “Águas Turvas”, de (2021), inspirada na obra *Kindred* (2020), de Octavia Butler, narra uma viagem no tempo em uma mescla entre horror, realismo e fantasia. A escritora, na atual pesquisa, aparece como a única escritora de literatura afroespeculativa dessa região. Posteriormente, tenho por intenção encontrar outras/os escritoras/es que possam ser acrescentadas/os à região sul. Caso não as/os encontre, considero questionar os motivos que levam a essa não produção e os espaços geográficos que a literatura afroespeculativa irá circular e ser produzida.

Em relação às publicações, mapeei as editoras que mais apresentam escritores de literatura afroespeculativa. A Editora Kitembo, que se autodenomina uma editora afrofuturista, é responsável pela publicação de 27,% dos textos de escritoras/os. Como dito anteriormente, a Kitembo é responsável pelo lançamento de antologias de escritoras/es negras/os de ficção científica, o que a destaca dos demais. Após ela, segue a editora Cartola, que publicou 22,2% dos textos de literatura afroespeculativa, tendo também lançado uma antologia intitulada *Afrohorror* (2021), sendo uma das únicas da lista a focar na literatura afroespeculativa de horror. Seguindo essas duas editoras, há a editora Gutenberg, com 12,7% das publicações, e a publicação independente, com 9,5%, a qual se propaga fortemente como porta de entrada de inúmeras/os autoras/autores. Para que não as percamos de vista, deixo aqui os nomes das editoras até então mapeadas que publicam obras afroespeculativas, para que possamos perceber quais investem nesse novo movimento literário:

Kitembo (27%), Cartola (22,2%), Gutenberg (12,7%), Dame Blanche (6,3%), Plutão (4,8%), Corvus (3,2%), Magh (3,2%) e Malê (3,2%).

A última categoria que analisei foi dedicada apenas às escritoras mulheres afroespeculativas, pois ao separar as escritoras mulheres dos escritores homens, cheguei a uma representação de escritoras mulheres de 30,08%, ou seja, 15 escritoras afroespeculativas brasileiras. Aprofundei minha análise para entender quais gêneros literários e especulativos essas escritoras produzem, o que evidenciou ainda a dificuldade de escritoras negras produzirem romances em paralelo ao conto. O conto aparece como um total de 73,3% das produções, enquanto somente 26,7% dessas escreveram tanto contos quanto romances. Referente ao gênero especulativo, chegou-se aos seguintes resultados: 53,8% escrevem ficção científica; 30,8% escrevem horror; e 15,4% escrevem fantasia. Novamente, esta última análise pode nos levar a inúmeras questões. Por que as escritoras de afroespeculativas são numericamente tão poucas? Por que seus textos são mais dedicados à ficção científica? Quais temáticas elas apresentam em comparação aos escritores homens de afrofuturismo? O que está sendo produzido sobre horror e fantasia a partir dessas escritoras?

Considerações finais

O mapeamento ainda não se apresenta completo, mas nos revela um cenário profícuo para a literatura afroespeculativa brasileira. Considerar que escritoras/es negras/os vem produzindo apenas literatura realista apaga produções de outras/os que vem nos fazendo questionar o que é a literatura negro-brasileira. As obras selecionadas agora passarão por um refinamento dos dados. Além disso, como um mapeamento dificilmente chega ao fim, ainda existem obras e escritoras/es que ainda estão passando por um processo de filtragem. A possibilidade desse número se expandir é uma realidade pensada para o desenvolvimento desta pesquisa. A breve explanação aqui feita é, como já dito, apenas uma prévia de um trabalho que tem por intenção não apenas falar sobre novos futuros, mas pensar em novos futuros para a nossa literatura produzida por escritoras/es negr/os.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Henrique. **Alagbara: o sonho**. São Paulo: Editora Henrique André, 2020.

BLACK, Kinaya; SILVA, Marcelo. **Afrofuturismo: o futuro é nosso, volume 1**. São Paulo: Kitembo editorações Literárias, 2020.

CARTOLA, Editora. **Afrohorror**. São Paulo: Cartola Editora, 2021.

CAUSO, Roberto de Souza. **Ficção científica, fantasia e horror no brasil - 1875 a 1950**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CUTY, Luiz Silva. **A literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo negro, 2010.

BUTLER, Octavia. **Kindred: laços de sangue** São Paulo: Morro Branco, 2019.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Editora Horizonte, Vinhedo & Editora UERJ, Rio de Janeiro, 2012.

DIAS, Alexandre. **Antologia afrofuturismo: o futuro é nosso, volume 1**. São Paulo: Kitembo Edições Literárias do futuro, 2020.

DERY, Mark (1994). Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose. In: **Flame Wars: the discourse of cyberculture**. Durham: Duke University Press, 1994.

DELANY, Samuel R. (1984). The necessity of tomorrows. In: **Starboard wine: more notes on the language of science fiction**. New York: Dragon Press, 1984.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 1 – Precursores. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

FRANÇA, Aline. **A mulher de Aleduma**. Salvador: Organização Clarindo da Silva & Cia Ltda, 1981.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. **Fantástico brasileiro: o insólito literário brasileiro do romantismo ao fantasismo**.

MENEZES, SANDRA. **O céu entre dois mundos**. São Paulo: Editora Malê, 2021.

ROBERTS, Adam. **A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista de massas**. São Paulo: Scoman, 2018.

SANTOS, Ale. **O último ancestral**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

SILVA, Raissa Lauana Antunes da. **Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em a parábola do sementeiro, de octavia butler**. 2022. 108 f, il. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) — Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

VICENTE, Juliane. **Águas turvas**. Porto Alegre: Juliane Vicente, 2021.

WOMACK, Ytasha. **Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture**. Lawrence. Hill Books: Chicago, 2013.

ZAILA, Lu Ain. **Brasil 2408**. São Paulo: Kitembo, 2023.

